

ARTIGO

1968 – O ANO QUE FOI ACONTECENDO AOS POUCOS

RENATO JANINE RIBEIRO

PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA DA FFLCH-USP

Quando *aconteceu* maio de 1968? Foi mais ou menos a partir de 1970. Sim, é evidente que entre março e maio de 68 Paris foi tomada pelos estudantes, que surgiu um movimento inesperado (no começo de março, um dos maiores jornalistas franceses, Pierre Viansson-Ponté, escrevera um artigo no *Le Monde* intitulado “La France s’ennuie”, a França se entedia) que rapidamente galvanizou a juventude francesa e mundial. Mas a representação que temos de “1968” é posterior aos eventos, e diferente deles.

O centro do movimento de maio foi a intenção de fazer na França uma revolução socialista que, seguramente, não seria de modelo soviético. Mesmo assim, tirando Daniel Cohn-Bendit, então estudante, os líderes que dirigiram as manifestações pertenciam a partidos alternativos de esquerda, a maior parte deles marxista; sua expectativa era conquistar o apoio operário para uma revolução que poria fim ao domínio do capital. Por isso mesmo, seu fracasso foi tão retumbante. Talvez, desde a II Guerra Mundial, nunca a esquerda anticapitalista tenha estado tão perto do poder na Europa Ocidental, se excetuarmos sua chance italiana no imediato pós-Guerra. No entanto, os movimentos operários – e, sobretudo, o Partido Comunista Francês – não quiseram tomar o poder.

Teriam conseguido, se o tentassem? Bem pode ser que não. É difícil imaginar a OTAN aceitando uma França que expropriasse os meios privados de produ-

ção. E, mesmo que o Estado resultante não fosse de feitio soviético, o apoio decisivo para instituí-lo só poderia vir do PCF – e portanto, não importando o que os possíveis novos governantes dissessem, uma intervenção externa seria provável, no sentido de pôr fim a uma nova Comuna, só que desta vez ampliada para todo o território francês. Finalmente, basta ver os resultados das eleições, um mês depois, que deram consagrada vitória a de Gaulle, para perceber que o país se dividiria. Se os *soixante-huitards* houvessem tomado o poder, o país ficaria entre a guerra civil e a intervenção externa. Talvez, é triste dizê-lo, os comunistas tenham salvado a França de um massacre, ao desistirem da revolução.

Mas isso significou um profundo desânimo. A juventude foi-se afastando cada vez mais do PCF. Com o passar do tempo, o lado “alternativo” de maio de 68 cresceu. Além disso, no mesmo ano os soviéticos acabaram pela força com a experiência tchecoslovaca de um “socialismo com rosto humano”. Restava, ainda, a esperança – para alguns ou muitos – de uma saída pelo Terceiro Mundo, com a tese de “um, dois, muitos Vietnãs” que Guevara propusera: se um guerrilheiro imobiliza dez soldados, então espalhando guerrilhas pelo mundo se levaria o exército dos Estados Unidos à derrota. Bastaria um milhão de guerrilheiros para não haver mais quem os enfrentar. Era isso, então: no Atlântico Norte, o *statu quo* congelado – países capitalis-

tas não se tornariam comunistas, nem comunistas se tornariam capitalistas; na periferia do mundo, lutas ásperas, para definir o futuro da Indochina, da África, da América Latina.

Muito disso hoje soa superado. O comunismo acabou caindo como um castelo de cartas, em poucas semanas do final de 1989; a União Soviética seguiu esse destino dois anos depois; por outro lado, o receio norte-americano de que o Vietnã, Angola, a Nicarágua ou Granada viessem a destruir o poder de Washington parece, hoje, risível. Contudo, o fato é que em 1968 e logo depois se constroem duas heranças diferentes do ano que, argumento, ainda não havia acontecido. Com isso, aliás, faço um jogo com o título da bela obra de Zuenir Ventura, *1968 – o ano que não terminou*: não terminou porque só começou depois.

A primeira herança é a que está presente para nós, hoje. É a do maio de 68 parisiense e, por extensão, do hemisfério Norte. É uma vertente libertária. Criticou o comunismo, fragmentou-se em diferentes rumos mas acabou se concentrando na expressão “é proibido proibir” e em outras análogas. Os vários grupos maoístas e trotskistas praticamente desapareceram. Curiosamente, seus membros muitas vezes caminharam para a democracia liberal. Mas o que resta, o núcleo duro de 68, é a Utopia. Essa utopia não foi evidente em 1968. Elementos dela estavam presentes, mas talvez não fosse protagônica. Em bem poucos anos, porém, assumiu esse significado. Ficou, para todos, como o grande ano utópico do século XX. Mesmo muitos dos que mudaram completamente de lado ainda se recordam com amor desse ano, ou da imagem que dele ficou. Não importa que sejam

SUMÁRIO

ARTIGO	
1968 – o ano que foi acontecendo aos poucos	1
Renato Janine Ribeiro	
ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO	
Andamento da reforma dos prédios	4
Por Gustavo Dainezi	
Pioneirismo na FFLCH: programa de publicações on-line	4
Por Gustavo Dainezi	
Intercâmbio nacional: a experiência dos estudantes	5
Por Priscilla Vicenzo da Silva	
Entrevista com Prof. Mario Miguel González	6
Por Laís Lucas Moreira	
MEMÓRIA	
Entrevista: Profa. Eni de Mesquita Samara (DH)	9
Por Priscilla Vicenzo da Silva	
EVENTOS	
Profa. Valeria De Marco edita Max Aub na Espanha	11
Por Priscilla Vicenzo da Silva	
FFLCH recebe seus Embaixadores	14
Por Priscilla Vicenzo da Silva e Laís Lucas Moreira	
Em debate: redimensionamento qualitativo do sistema de biblioteca ..	15
Por Priscilla Vicenzo da Silva	
FFLCH abrigará encontros da causa homossexual	15
Por Gustavo Dainezi	
III EPOG – Encontro de Pós-Graduandos	16
Por Gustavo Dainezi	
ESPAÇO DO FUNCIONÁRIO	
A FFLCH vista por Dentro	18
Por Gustavo Dainezi	
Entrevista com Seu Célio, antigo funcionário da Faculdade	19
Por Laís Lucas Moreira	
PRODUÇÃO DA FACULDADE	22

EXPEDIENTE



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITORA:

Profa. Dra. Suely Vilela

VICE-REITOR:

Prof. Dr. Franco Maria Lajolo



FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DIRETOR:

Prof. Dr. Gabriel Cohn

COMITÊ EDITORIAL DO INFORME:

Profa. Dra. Sandra Margarida Nitri (DTLLC), Prof. Dr. Gabriel Cohn (DCP), Prof. Dr. Pablo Ruben Mariconda (DF), Profa. Dra. Zilda Márcia Gricoli Iokoi (DH), Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão (DL) e Sra. Eliana Bento da Silva Amatuzy Barros – MTb 35814 (Membro Assessor).

SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL:

COORDENAÇÃO: Eliana Bento da Silva Amatuzy Barros. PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Dorli Hiroko Yamaoka – MTb 35815. COLABORADORES: Gustavo Dainezi, Laís Lucas Moreira, Priscilla Vicenzo da Silva e Renato Rinaldi Ribeiro Rostás. REVISÃO: Sílvio C. Tamaso D'Onofrio. FOTOS: Eusebio Gregorio Costa.

GRÁFICA – FFLCH: Impressão e acabamento - TIRAGEM: 1200 exemplares.

hoje banqueiros, que privatizem, que defendam o livre mercado: resta uma forte lembrança de juventude, do momento em que tudo parecia possível. Alguns, é claro, ainda acreditam que a Utopia se possa realizar. Mas ela é objeto de carinho até mesmo de quem não crê mais em sua viabilidade.

A segunda herança aparentemente morreu. Foi a da guerrilha, em especial na América Latina, mas também na Alemanha e na Itália. Pode ser evocada com orgulho, como o foi há poucos dias por um ministro de Estado. Mas não se pode dizer que tenha sido uma opção acertada. Muito se pode dizer em favor dos que tomaram em armas contra a ditadura – mas não que sua escolha fosse a melhor. A queda da ditadura provavelmente deveu pouco a eles, bem menos do que aos movimentos civis que se organizaram nos anos 70 e 80. Alguns desses movimentos tiveram, é verdade, em seu seio líderes de 1968 e da revolta armada. Mas duas coisas parecem certas: 1ª) que o regime militar não foi levado pela guerrilha à sua vertente mais repressiva; esta já estava decidida; as rebeliões de 1968 serviram apenas de pretexto; portanto, culpá-las pela reação militar é errado; 2ª) que, se a guerrilha não foi responsável “objetiva” pela imposição da ditadura militar, por outro lado ela pouco ou nada fez para minorá-la ou abatê-la. Quando a ditadura caiu, foi para um regime civil que, com o passar do tempo, se foi consolidando em termos democráticos. Desta segunda herança, somos lembrados com alguma frequência, mas em que casos? Quando se recorda que um ministro participou da resistência armada; quando algum antigo torturador é desmascarado; quando se fala na importância da memória. Infelizmente, ou não, tudo isso somado é pouco. Essa herança empalidece, em comparação com o legado mundial do 68 libertário.

Pode repetir-se 1968? Esta é uma grande questão. Nos últimos quarenta anos, muitas vezes os estudantes franceses saíram às ruas, à chegada da primavera, querendo mudar o mundo, mesmo sem saber muito bem como. Não foi por falta de tentativas que 1968 não teve segunda ou terceira edição. Por outro lado, no Brasil, a referência interessante a pensar são os dois livros de Zuenir Ventura, um de

1988 (*1968 – o ano que não terminou*) e outro do corrente ano (*1968 – o que fizemos de nós*). Fui convidado a debater o segundo livro, no seu lançamento. Surpreendi-me ao me dar conta de que já fazia vinte anos do primeiro! Quando li o primeiro *1968* de Zuenir, tudo parecia ainda muito próximo. O título era perfeito, porque indicava as promessas que haviam restado daquele ano utópico. Em 1988, a anistia tinha apenas nove anos, o fim da ditadura três, e eleições presidenciais ainda não tinham ocorrido. Mas, quando li o segundo *1968*, tive a nítida sensação de que os dados haviam sido, quase todos, jogados. As pessoas que sonhavam com o PT, em 1988, hoje saíram dele ou estão no governo com ele; e num caso ou noutro, as expectativas de mudança foram bem diminuídas. Poderão, os heróis de 68, viver ainda trinta ou quarenta anos com dignidade, lucidez e presença política; podem chegar aos noventa ou cem anos de idade; mas o fato é que a maior parte do que tinham a fazer, fizeram ou não fizeram. O tempo passa às vezes muito depressa.

Por isso, comentei no debate com Zuenir um certo aspecto melancólico de seu segundo livro, que era o das promessas que não vingaram; ele respondeu, muito educado, que tem enorme esperança na juventude atual, e leu um trecho meu – do prefácio que escrevi para *Noites nômade*, em que Maria Isabel Mendes de Almeida e Katia Tracy estudam a *night carioca* – em que eu também expressava esta esperança. Mas não discordávamos. O que me soava crepuscular era, *hoje*, a juventude *de 68*. Talvez, na verdade, o digno de nota não seja estar ela envelhecendo, mas sim o ter demorado tanto para começar a envelhecer. Talvez a experiência trágica da ditadura, os dez ou mais anos que ela amputou da liberdade nossa, tenha paradoxalmente dado uma vida mais longa a quem sobreviveu. Talvez tenham, os veteranos de 68, vivido por muito tempo no prolongamento dos seus anos não vividos, de suas esperanças frustradas, na cobrança da dívida que a história teve com eles; e, lutando por seus ideais ou sonhos, tenham conservado a mocidade por bastante tempo. Não deixa de ser, este, um final otimista.

ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

ANDAMENTO DA REFORMA DOS PRÉDIOS

POR GUSTAVO DAINEZI

Continuando esta série de reportagens, o **INFORME** publica a atual situação das reformas dos prédios da FFLCH. Segundo a Assistência Administrativa da FFLCH, as obras estão seguindo em um ritmo muito bom, em todos os prédios.

CASA DE CULTURA JAPONESA

As obras do jardim estão em fase de finalização.

CIÊNCIAS SOCIAIS

O banheiro está pronto. A previsão é que seja entregue ainda este mês.

As obras da sala 14, que será transformada em um pequeno auditório, já começaram.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

A segunda etapa das obras da cobertura já iniciou.

Também está em execução a pintura externa do prédio.

LETRAS

O prédio que tem mais obras em execução já pode desfrutar das salas reformadas. Apesar de ainda não terem sido pintadas, algumas já estão até em uso. A entrega dessas salas está prevista para o começo de 2009.

As salas novas estão com previsão de entrega no segundo semestre de 2009. As salas contarão com lousas novas, que já chegaram à Faculdade.

Os banheiros para deficientes e o poço do elevador já tiveram a demarcação feita e será iniciado em breve o levantamento das paredes.

Toda a rede elétrica, pluvial e de comunicação já está pronta. Esta parte da obra é subterrânea.

PIONEIRISMO NA FFLCH: PROGRAMA DE PUBLICAÇÕES ON-LINE

POR GUSTAVO DAINEZI

Em iniciativa inédita na USP, a FFLCH lança este ano o programa de publicações on-line “Produção Acadêmica Premiada”. Este programa consiste em registro e publicação gratuita da coleção das melhores teses produzidas anualmente na Faculdade.

A iniciativa tem como principais objetivos incentivar a excelência na produção acadêmica e disseminar o conhecimento construído na Faculdade.

As melhores teses de mestrado e doutorado foram escolhidas pelos seus Departamentos, que tiveram a premissa de estabelecer os critérios de escolha e a limitação de premiar cinco trabalhos.

Em seguida à escolha, as teses foram enviadas ao Serviço de Comunicação Social da FFLCH, onde receberam o registro ISBN (que lhes dá o *status* de

livro) e foram convertidas para o formato PDF, documento digital característico para publicações on-line no estilo *e-book*.

Todas as teses ficarão em uma página especialmente criada para este programa, dentro do site da FFLCH.

Confira abaixo a relação das teses premiadas que serão publicadas em 2008:

- ◆ *Fachada, sinuca e afasia: Alcântara Machado, João Antônio e Fernando Bonassi. São Paulo, ficção no século XX* – Bruno Gonçalves Zeni
- ◆ *A teatralização retórica dos autos sacramentais de Calderón de La Barca El divino Orfeo,*

Andrômeda y Perseo – Claudio Bazzoni

- ◆ *Charles Dickens: Um escritor no centro do capitalismo* – Daniel Puglia
- ◆ *O profeta e o principal. A ação política ameríndia e seus personagens* – Renato Sztutman
- ◆ *Quando a ficção se confunde com a realidade. As obras In der Strafkolonie/Na Colônia Penal e Der Process/O Processo de Kafka como filtros perceptivos da ditadura civil-militar brasileira* – Eduardo Manoel de Brito
- ◆ *Reflexões sobre o ensino da literatura: da Poética de Edouard Glissant às perspectivas de leituras rizomáticas* - Heloisa Brito de Albuquerque Costa
- ◆ *Os Bakongo de Angola: religião, política e parentesco num bairro de Luanda* – Luena Nascimento Nunes Pereira
- ◆ *Aproximações à temática das DTS junto aos Wajãpi do Amapari* – Juliana Rosalen
- ◆ *Faculdades femininas e saberes rurais. Uma*

etnografia sobre gênero e sociabilidade no interior de Goiás – Silvana de Souza Nascimento

- ◆ *Retórica e Semiótica* – Antonio Vicente Seraphim Pietroforte
- ◆ *A marcação de caso acusativo na interlíngua de brasileiros que estudam o espanhol* – Rosa Yokota
- ◆ *Giuseppe Salerio, um comediógrafo veneziano na São Paulo de 1900: análise e tradução de Um Ammalato per forza* – Ivan Aparecido Gotardelo Pacheco Junior
- ◆ *Democracia, cidadania e produção de um espaço público democrático em tempos de globalização: práticas discursivas entre estado-sociedade no movimento grevista da educação em Pernambuco* – Maria Cristina Hennes Sampaio

A comissão organizadora das publicações online é composta por: Profs. Drs. Sandra Margarida Nitri, Rose Satiko, Bernardo Ricupero, Vladimir Safatle, Márcia Lima, Mary Anne Junqueira, Waldemar Ferreira Neto, Roberta Barni, Paulo Daniel Elias Farah, Marcos Lopes, Marcus Mazzari.

INTERCÂMBIO NACIONAL: A EXPERIÊNCIA DOS ESTUDANTES

POR PRISCILLA VICENZO DA SILVA

O intercâmbio nacional é uma das opções de formação acadêmica disponibilizadas aos estudantes pelas universidades. Entre as universidades estaduais paulistas – USP, UNESP e UNICAMP – o fluxo de alunos intercambistas vem se tornando cada vez mais comum. Há também casos de alunos que fazem o intercâmbio em universidades de outros estados.

Na FFLCH, há um programa de intercâmbio nacional. Além do convênio com as estaduais paulistas, a Faculdade está aberta a intermediar, através de seus órgãos superiores e os da Universidade, as negociações para o intercâmbio dos alunos, tanto uspianos quanto externos, com demais universidades.

Atualmente, há 06 alunos da FFLCH em intercâmbio em outras universidades e estão estudando conosco 40 estudantes intercambistas oriundos de

diversas instituições. O INFORME conversou com dois deles sobre como têm sido suas experiências acadêmicas na USP.

Isabel: novas experiências como intercambista

A estudante do curso de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora – MG, Isabel Cristina de Oliveira Silva, recebeu uma proposta de emprego na cidade de São Paulo que a colocou num dilema: os estudos ou o novo trabalho? Foi então que o intercâmbio nacional surgiu-lhe como solução que, além de lhe permitir conciliar vida acadêmica e profissional, traria uma oportunidade a mais para aprimorar seu conhecimento.

A expectativa de Isabel em relação ao intercâmbio é por novas experiências “e oportunidade de ouvir opiniões diferentes sobre um mesmo tema”.

Segundo ela, o mais interessante é a troca cultural: “isso é enriquecedor!”.

A estudante acrescenta ainda que o intercâmbio nacional vem aperfeiçoar sua formação acadêmica e pessoal enquanto professora: “aprendemos a aceitar e a conviver com o diferente. E, principalmente, a entender o outro! É a questão da alteridade!”.

Adalberto: multidisciplinaridade na formação

Adalberto Gregório Back, da UNESP de Araraquara, está no último ano do curso de Ciências Sociais. Este já é o segundo semestre de Adalberto como intercambista na USP. Para ele, estudar aqui foi uma oportunidade de cursar disciplinas relacionadas às relações internacionais, que não são oferecidas em sua Universidade de origem.

Outro atrativo foi a possibilidade de matricular-se em disciplinas de diferentes unidades da USP, o que oferece, segundo ele, “uma perspectiva multidisciplinar, importante para a formação pessoal e profissional do estudante”.

Adalberto diz ainda que considera o intercâmbio nacional “importante para se conhecer o que se pesquisa em outra faculdade e quais as preocupações e abordagens a que se dá preferência”.

Maiores informações com o Sr. Antonio Carlos Eigenheer na Assessoria de Convênios Culturais e Intercâmbio pelo telefone 3091-3572 ou pelo e-mail assessor@usp.br.

O atendimento ao público é realizado de segunda a sexta-feira, das 09:00h às 11:30h e das 14:00h às 17:00h.

ENTREVISTA COM PROF. MARIO MIGUEL GONZÁLEZ

POR LAÍS LUCAS MOREIRA

Em março de 2008, o Professor Mario Miguel acabara de assumir a presidência da Editora Humanitas e, com isso, falou ao INFORME sobre suas pretensões. Passados alguns meses de gestão, vejamos o que foi encaminhado nesse sentido.

INFORME: Quais e que tipo de medidas vêm sendo tomadas desde o início da gestão?

Mario Miguel González: A primeira coisa que eu consegui fazer foi reformar o estatuto da Associação Editorial Humanitas; e não apenas adequá-lo ao novo código civil brasileiro – que é bastante exigente nesse sentido –, mas separar, tirar do estatuto, qualquer referência à FFLCH, a não ser para uma única coisa: deixar bem claro nesse estatuto que o único objetivo da Associação Editorial Humanitas é colaborar com a publicação da produção acadêmica da Faculdade ou de livros de interesse de seus professores e alunos. O novo estatuto deixa isso bem claro, é o único objetivo e a razão de ser da Associação Editorial Humanitas. Se não existisse a Faculdade, se ela não tivesse o que publicar ou se ela encontrar outro caminho para publicar sua produção, a Associação Editorial Humanitas teria que fechar. Nós não perderíamos nada, porque não existimos para outra coisa. Mas, enquanto a nossa colaboração for positiva para

a Faculdade, é nossa finalidade prestar essa colaboração. Esse estatuto, inclusive, dinamizou o funcionamento da Associação, criou uma diretoria pequena e ágil, separada do conselho editorial que assessora a diretoria. Antes, isso estava misturado e, evidentemente, levava a uma certa lentidão. Essa diretoria é pequena, com 4 pessoas, consegue se reunir com mais facilidade e, assim, deliberar rapidamente.

Essa diretoria vem se reunindo mensalmente. Na reunião de julho, aprovou encaminhar ao Sr. Diretor da FFLCH um ofício propondo mecanismos concretos para a continuidade da colaboração da Humanitas com a Faculdade. Em síntese, nesse ofício propomos o seguinte:

- a) a separação clara da administração da Humanitas do Serviço de Editoração da Faculdade, de maneira a evitar que funcionários da FFLCH estejam subordinados à presidência da Humanitas;
- b) a instalação da administração da Humanitas, com funcionários próprios, no espaço que já compartilhamos com a Discorso Editorial (editora vinculada ao Depto. de Filosofia);
- c) o encaminhamento pela Humanitas ao Sr. Diretor da FFLCH dos textos selecionados para publicação pelo seu conselho editorial, para que o Sr. Diretor determine, se assim achar conveniente, o

- seu encaminhamento ao Serviço de Editoração da Faculdade para o processamento de sua edição;
- d) a posterior devolução à Humanitas dos textos assim editados pelo mencionado Serviço, para sua impressão, encadernação, transporte, divulgação, lançamento, vendas, distribuição e armazenamento por conta da Humanitas;
 - e) o pagamento pela Humanitas à FFLCH de quaisquer despesas geradas pelas suas atividades no âmbito da Faculdade, fora a edição dos volumes;
 - f) o investimento integral, pela Humanitas, dos excedentes financeiros gerados nesse processo na publicação de novos títulos da produção acadêmica da FFLCH ou de textos do interesse dos seus docentes e alunos.

Essa proposta foi levada previamente ao conhecimento de cada um dos Chefes de Departamento da FFLCH, sendo que todos eles concordaram em apoiá-la. Igualmente, foi levada ao conhecimento da representação dos funcionários no CTA (Conselho Técnico Administrativo), em reunião especificamente convocada para debatê-la.

Entendo que, se a Faculdade aceitar essa proposta, teremos chegado a um acordo, de maneira a dar continuidade à nossa colaboração preservando o que é público, para que não esteja a serviço do privado. A Humanitas, na prática, é uma figura de apoio à Faculdade, ou seja, tem um perfil do que seria uma fundação. Só que eu distingo fundação “com ralo” e fundação “sem ralo”. A palavra “fundação” ficou mal vista porque foi criada por aí mais de uma fundação “com ralo”. Eu chamo assim aquelas que, com o pretexto de apoiar uma instituição pública, acabam abrindo um espaço por onde podem escoar benefícios para algumas pessoas – e isso usando a infra-estrutura pública. Eu tomei muito cuidado de fechar qualquer ralo. Não apenas porque o estatuto proíbe isso, mas porque a Humanitas admite, como associado, qualquer pessoa. Os associados efetivos, professores da Faculdade, somos quem pode integrar a diretoria e o conselho editorial, mas qualquer cidadão deste país pode ser associado colaborador da Humanitas e, assim, pode votar e ser votado para o conselho fiscal da Associação. Na prática, qualquer pessoa pode fiscalizar as contas da Humanitas. Isso é mais uma garantia ao uso que se dê ao dinhei-

ro que resulte de suas atividades. Mais ainda, minha intenção, se isso vingar, é colocar na Internet as contas da Humanitas para que todo mundo possa saber o que entrou, o que saiu, o que foi gasto e como. Quanto à separação da Humanitas e FFLCH, eu devo dizer que nós não apenas colocamos no estatuto essa separação, como já começamos a realizá-la fisicamente. Se você olhar lá onde o Serviço Editorial da Faculdade se encontra, não está mais o nome da Humanitas, porque isso não tem sentido. Ali funciona o Serviço Editorial da FFLCH, que tem sua chefe, e que havia sido confundido com a Humanitas. Começamos por aí, por tirar qualquer menção. No restante da proposta, se aceita pela FFLCH, teremos que ir aos poucos, já que isso precisa ser feito de maneira cuidadosa, devagar. Não podemos mudar tudo da noite para o dia sem prejuízos para o trabalho que está em andamento. Vamos retirar do Serviço Editorial toda a parte administrativa da Humanitas, para que lá fique apenas o Serviço Editorial da FFLCH, cuja chefe possa responder ao Diretor da Faculdade, não mais ao presidente da Humanitas. Para levar adiante isso, já contratamos mais uma funcionária que cuidará da administração da Humanitas. E vamos intensificar a parceria que a Humanitas tem há algum tempo com a Discurso Editorial, dividindo espaços com ela no prédio dos Departamentos de Filosofia e Ciências Sociais, onde nós temos uma salinha que serve para administração das duas entidades e uma livraria. Ali são vendidos os livros tanto da Discurso, quanto da Humanitas e da FFLCH, o que garante a sobrevivência da própria Discurso Editorial. Esse é o caminho que a Humanitas está propondo. Agora é a FFLCH que deverá dizer se aceita esse sistema ou não. Saliento que isso significa que, sem custo nenhum, a FFLCH poderá continuar a ter sua produção veiculada, porque o Serviço Editorial que colabora nessa parceria já existe e não gastará nada a mais para processar uma produção que é da Faculdade, de absoluto interesse de seus professores e alunos. Assim, estamos de alguma maneira, possibilitando que o Serviço Editorial faça um trabalho de maior repercussão, de maior extensão e até quantitativamente maior do que aquele que faria caso não existisse a Humanitas. A Humanitas possibilita esse segmen-

to da atividade editorial que a Faculdade não poderia realizar por não poder ter uma editora. Isso é possível mediante uma parceria com uma entidade sem fins lucrativos, que se compromete a publicar a produção da Faculdade e a utilizar nisso qualquer excedente financeiro.

INFORME: O senhor, na primeira entrevista concedida ao INFORME, disse que a meta a médio prazo seria fazer com que a Humanitas tivesse mais associados. O que tem sido feito nesse sentido?

MMG: Eu recebi a Humanitas com 65 associados, hoje somos 90, tudo através de uma campanha simples com filipetas e recados por e-mail. Meu horizonte é de 200. Isso porque com 200 associados, a Humanitas terá garantida uma autonomia suficiente para que sua administração, seu estoque, tudo funcione sem perigo, sem medo de uma falência, de não poder pagar as contas. Como toda fundação, a Humanitas constitui um patrimônio em benefício de terceiros, no caso, em benefício da FFLCH. Mas esse patrimônio tem que ser suficientemente sólido para permitir esse apoio, permitir essa parceria. Eu acredito que, uma vez que tudo isso estiver definido, poderemos lançar uma nova campanha para trazer novos associados, chamando os interessados em propor a publicação de textos pela Humanitas. Para se associar, basta entrar no site da Humanitas [www.editorahumanitas.com.br], preencher o formulário de adesão e autorizar o débito em conta dessa colaboração.

INFORME: O senhor ainda disse que a meta a longo prazo seria otimizar a distribuição. Já existem ações com esse intuito?

MMG: Claro, mas isso virá depois. Dinamizar a distribuição é fundamental. Eu utilizei esses 5 meses de gestão, fundamentalmente, para viabilizar a Humanitas e sua parceria com a Faculdade. Consolidado isso, o horizonte imediato será aumentar o número de associados e melhorar ao máximo a distribuição. Eu ainda não tenho um projeto concreto, mas acho que devemos chegar, no mínimo, a todas as livrarias universitárias do país. Isso seria o alvo: fazer com que os nossos livros estejam disponíveis em todas as livrarias universitárias.

Há ainda uma segunda instância que é o fato de chegar a um ponto em que os livros já saturaram seu mercado e o mais prático, mais conveniente, seria doar do que mantê-los em estoque esperando que

seja vendido um exemplar por ano. Então, em termos de distribuição, não é apenas a distribuição comercial, mas também no sentido de favorecer as bibliotecas das universidades públicas. Analisar o nosso estoque e ver o que pode ser doado, e como isso pode ser realizado.

INFORME: O senhor gostaria de acrescentar algum outro ponto?

MMG: Sim. Eu gostaria de convidar, de alguma maneira, os colegas da Faculdade, a colaborar. Primeiro, pedir um voto de confiança, que claramente muitas pessoas me deram - não apenas verbalmente, mas se associando à Humanitas -, uma colaboração no sentido de apoiar tudo isso. Claro que a maneira mais imediata de colaboração é se associar. Lembro que, como está no estatuto de uma maneira bem clara, é privilégio dos associados apresentar propostas de publicações. Não é qualquer pessoa que pode chegar com um texto e dizer que quer publicar, o texto deve ser proposto por um associado efetivo da Humanitas, que necessariamente será um professor da FFLCH. Ou seja, se associar tem essa primeira vantagem, assim como tem outras também: descontar isso do imposto de renda, e um desconto de 50% dos livros comprados na livraria Humanitas-Discursos. Mas o grande benefício de se associar é poder apresentar projetos. Isso viabiliza com que os orientadores possam, por exemplo, encaminhar teses de doutorado ou dissertações de mestrado de seus orientandos. Isso, diretamente, é um benefício enorme para os programas de pós-graduação, porque nós sabemos o peso que tem, na avaliação dos programas, a publicação de sua produção. Ou seja, (eu gostaria de chamar a atenção), não se trata de qualquer editora; é uma editora que tem como única finalidade, publicar a produção da FFLCH e que, nos últimos meses, vem fazendo isso ao ritmo de um livro por semana. Para isso precisamos, evidentemente, do apoio dos docentes. Meu apelo seria esse, unase a nós; a despesa é muito pequena, porque, dependendo do nível do docente, a colaboração oscila entre 20 e 60 reais por mês, quantia que, como eu disse, poderá ser descontada do imposto de renda devido. Com isso, nós estamos dando à Faculdade a possibilidade de ver publicado o melhor de sua produção. Isso foi a primeira coisa que eu dimensionei quando assumi a Humanitas: não podemos deixar morrer o excelente trabalho realizado até hoje.

MEMÓRIA

ENTREVISTA: PROFA. ENI DE MESQUITA SAMARA (DH)

POR PRISCILLA VICENZO DA SILVA

INFORME: Gostaria de saber como se deu sua opção pela História.

Eni de Mesquita Samara: Essa opção vem desde o tempo em que eu cursava o ginásio. Na época, fazíamos ginásio, depois colegial, e entrávamos na faculdade. Durante o curso ginásial eu era obcecada, vamos dizer assim, pelos livros de História. Lia muita coisa já quando estava no segundo e terceiro ano do ginásio. Lia sobre a vida de pessoas famosas, enfim, lia tudo o que me caía nas mãos. Decidi então que iria estudar História. Mesmo assim, fiz alguns anos de preparação para outros cursos com o intuito de perceber se era realmente o que eu gostaria de fazer. Entrei na Universidade de São Paulo em 1967 e não me arrependo de ter feito essa escolha porque sempre fui apaixonada por estudar História.

INFORME: A senhora acha que a estrutura do curso de História atual é muito diferente da do curso de História da época?

EMS: Eu diria que a estrutura do curso variou muito, pois os programas são quase todos novos. Mas, as disciplinas são praticamente as mesmas, exceto as optativas. Cursei História Antiga, História Moderna, História Contemporânea, História do Brasil... assim como nós temos ainda hoje no Departamento.

INFORME: Depois de sua graduação, a senhora escolheu como temas de sua pesquisa as histórias da mulher, da família e das populações. Qual foi a motivação para a escolha desses temas?

EMS: Eu realmente fiquei muito interessada em História da População quando entrei na pós-graduação. Pretendia estudar o homem livre e acabei optando por analisar os agregados por sugestão de minha orientadora, uma vez que era um programa mais restrito para iniciantes. Durante o meu mestrado, fiz opção pelas linhas de pesquisa que sigo até hoje. Estudando os agregados na região de Itu, eu teria que perceber a estrutura das famílias, como trabalhavam, se estavam em maior número de homens ou de mulheres, quais eram suas idades e número filhos. Então, as

fontes também me trouxeram preocupação com o tema da família no Brasil, porque para entender os agregados, deve-se entender a família brasileira. Assim, para o doutorado passei a estudar a família brasileira. Quando estava focando as questões do agregado e da família, chamou-me atenção um tema que, na verdade, é aquele do meu maior interesse nos últimos anos, qual seja, História das Mulheres. Foi então que ocupei-me em fazer pesquisas, formar alunos, enfim, enveredar para um tema (História das Mulheres), o qual no começo dos meus estudos acadêmicos era assunto pouco visitado. Hoje, tornou-se recorrente, pois muitos o têm estudado. Há variadas publicações aqui no Brasil, bem como no exterior. Por isso, tratou-se de um trabalho que se mostrou como um grande desafio, dado que na década de 70 era inovador.

INFORME: A senhora iniciou sua carreira docente em 1971, como instrutora voluntária, logo quando terminou a graduação. A docência sempre esteve em seus planos de carreira?

EMS: Acho que primeiro pensamos em ser professoras, para depois cogitar a possibilidade de sermos pesquisadoras. Quando fiz a graduação em História, de fato pensava em ser professora. Na minha cabeça ainda não existia a possibilidade de fazer pesquisa, não falávamos sobre isso. A Profa. Nícia Vilela Luz foi a primeira que nos levou aos arquivos, e a partir daí começamos a nos interessar e perceber que também poderíamos nos direcionar à pesquisa e escrever História. A docência sempre foi a minha primeira preocupação, mas tenho um apego grande pelos cursos de graduação nos quais as atividades de pesquisa são item importante. Sempre procuro motivar meus alunos, trazer materiais de pesquisa e leituras que façam com que o professor seja também um pesquisador.

INFORME: À docência e à pesquisa a senhora aliou diversas atividades em museus, como o Museu Paulista e o Museu Republicano de Itu. Eu gostaria de saber como foi o desenvolvimento deste outro ramo de sua carreira.

EMS: Gostei muito do trabalho que fiz nos museus, tanto no Museu Paulista, quanto no Museu Republicano Convenção de Itu, porque nas atividades vinculadas aos museus podemos ver as coisas acontecerem. No Museu Paulista procedemos com uma série de reestruturações que me interessaram bastante. A começar pela reestruturação interna, as exposições voltadas à área de História, os debates e interação entre outros professores, pesquisadores e aqueles do Museu. Procuramos também criar interlocução com o Departamento de História, pois nunca deixei de me sentir professora do curso de Brasil Colonial, mesmo nas atividades mais burocráticas, para ser apenas diretora do Museu Paulista. Exemplo disso foi levar alunos a participarem de cursos no Museu Paulista, além dos simpósios no Museu Republicano Convenção de Itu, em que tratou-se as questões da cana-de-açúcar e do café, temas que estão muito vinculados aos programas do nosso Departamento. Enfim, acho que foi muito prazeroso e não foi difícil fazer esta conexão entre a vida de professora universitária e a direção de um grande museu, como é o caso do Museu Paulista.

INFORME: A senhora é, já pela segunda vez, diretora do CEDHAL (Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina). Eu gostaria de saber qual é o trabalho desenvolvido pelo CEDHAL e qual é o papel do Centro aqui na Universidade.

EMS: O CEDHAL desenvolve um trabalho importante aqui na Faculdade. Foi fundado pela Profa. Maria Luíza Marcílio. A idéia era criar um centro de estudos populacionais que pensasse a América Latina como um todo. A preocupação não é só formar pesquisadores que estudem a questão demográfica histórica no Brasil, mas também na América Latina. Isso foi considerável porque fez com que o CEDHAL ampliasse seu eixo de pesquisa. Hoje, temos trabalhos sobre o Paraguai, Argentina, Chile e Peru. É um espectro bem maior do que estudar apenas a história do Brasil, embora a grande ênfase do Centro, sem dúvida, seja esta, na medida em que a maioria de nós se formou na relação entre história demográfica e história do Brasil. O CEDHAL também é significativo para outras áreas, pois subsidia uma série de pesquisas sobre população, muito utilizadas em diversificados estudos. O Centro tem formado muitos alunos, realiza uma série de eventos, além de publicar na área de História da População, como pode-se perceber lá fora, onde há uma relação enorme de publicações. Portanto, é bastante dinâmico e agrega uma série de pesquisadores

que fomentam atividades na área. Como diretora pela segunda vez, continuo o caminho traçado desde a época de sua fundação, o de gerir um centro de pesquisa interessado na questão da História da Família, das Populações, da Mulher e da Criança, que são os nossos temas prioritários.

INFORME: Em 2002/2003, quando a senhora era vice-diretora da FFLCH, e também posteriormente, a senhora participou como membro e como presidente do comitê editorial do INFORME-FFLCH. Eu gostaria de saber como foi o trabalho desenvolvido no Serviço de Comunicação da Faculdade.

EMS: Gostei muito do trabalho que fiz no Serviço de Comunicação, principalmente porque foi executada uma série de modificações na sua estrutura. A Eliana me ajudou muitíssimo. Fizemos várias reuniões, repensamos o Serviço de Comunicação, além de fomentar o recebimento de informações de outros Departamentos e programas de pós-graduação. Enfim, buscamos estabelecer conexão entre o serviço de informações e a estrutura geral programática da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Outro aspecto que me agradou foi repensar o INFORME. Todo o seu novo *layout* foi realizado na minha gestão. Logo, o INFORME passou a ter outro perfil, por exemplo, com entrevistas e riqueza de informações, permanecendo assim até hoje. Eu realmente aproveitei e gostei muito dessa atividade.

INFORME: Em 2009 a FFLCH completa 75 anos. Quais seriam os seus desejos e suas perspectivas para o futuro da nossa Faculdade?

EMS: A nossa Faculdade é realmente maravilhosa, tem um projeto acadêmico muito sólido, uma equipe de professores importante não só nacional, mas internacionalmente. É referência para nós, para todo o Brasil, mesmo para outras áreas do conhecimento, e assim continuará.

Tenho o perfil de uma pessoa preocupada com infra-estrutura. Além do projeto intelectual, acho que a Faculdade precisa e já está investindo em seu projeto de infra-estrutura. Eu penso que ele é absolutamente necessário para o bom funcionamento de nossas atividades como um todo. A gestão atual está investindo nessa área e acredito que devemos investir cada vez mais para ter cursos com qualidade. Assim, o meu grande sonho é ver esta Faculdade com o seu projeto acadêmico em curso e associado à questão da infra-estrutura, que é absolutamente necessária para todos nós.

EVENTOS

PROFESSORA VALERIA DE MARCO EDITA MAX AUB NA ESPANHA

POR PRISCILLA VICENZO DA SILVA

Recentemente, a professora Valeria De Marco, do Departamento de Letras Modernas, publicou na Espanha, pela editora Castalia, sua edição anotada do livro *Campo Francés*, do escritor Max Aub. O romance integra uma série de obras chamada *O labirinto mágico*, na qual o autor busca retratar a Guerra Civil Espanhola e o posterior início da II Guerra Mundial.

Campo Francés foi escrito como um roteiro cinematográfico e é repleto de imagens – fotografias e gravuras – que integram o enredo da obra, o que pode proporcionar ao leitor acostumado com as formas mais tradicionais de narrativa e de edição gráfica uma nova experiência de leitura.

Para sua edição, a professora Valeria De Marco preparou um estudo introdutório, além de notas explicativas para o romance.

Conversamos com a professora Valeria para conhecer mais detalhes sobre Max Aub e sua obra e sobre esta nova edição de *Campo Francés*:

INFORME: A senhora poderia contar um pouco do enredo e como o livro se enquadra dentro do retábulo *O labirinto mágico*?

Valeria De Marco: O enredo de *Campo Francés* cobre os acontecimentos históricos do final da guerra civil espanhola, mais especificamente o que ficou conhecido na historiografia como o momento da retirada da Catalunha, quando meio milhão de espanhóis cruza a pé os Pirineus em direção a França, entre o final de janeiro e começo de fevereiro de 1939. O enredo termina em outubro de 1940, já, portanto, com a II Guerra Mundial (cenário estruturador do enredo) e quando já está estabelecida a França de Vichy e suas leis anti-semitas. O enredo está nucleado em torno de três personagens: dois irmãos espanhóis e a esposa de um deles. Trata da vida familiar dos personagens: o casal está estabelecido na França com uma vida pequeno-burguesa, enquanto o outro irmão tinha ido lutar na Espanha no meio das brigadas internacionais. Por engano, a polícia tem uma denúncia e prende o que é

casado e está estabelecido na França e este personagem, então, passa todo o enredo acreditando na possibilidade de ser liberado. É a situação pela qual passa grande parte de espanhóis e antifascistas que estavam na França naquele momento. Há uma expedição policial que vai recolher vários estrangeiros já fichados. Eles serão colocados no estádio de Roland-Garros, num primeiro momento, para uma triagem, e depois vão para o campo de Vernet.

Essa trajetória é também do autor, Max Aub também saiu a pé pelos Pirineus até Paris e acabou sendo denunciado e fazendo todo esse percurso que o personagem principal do livro fez. A mulher deste personagem procura libertá-lo quando ele está no campo de Vernet. Mas no momento da fuga ele é morto. Disto trata o romance: como aquela consciência pequeno-burguesa é incapaz de compreender o cenário internacional que está em jogo; não compreende nem porque está ali e, portanto, não pode compreender o que está acontecendo.

O labirinto mágico é um grande projeto que Max Aub concebeu para tratar da guerra e das suas consequências. Ele tem seis romances e cerca de 40 contos. A série de romances, alguns publicados já nos primeiros anos, é: *Campo Aberto*, *Campo Fechado*, *Campo de Sangue*, *Campo del Moro*, *Campo Francés* e *Campo de los amendros*, os dois últimos tratando do final da guerra. É importante marcar que, apesar de fazer toda esta história da guerra, não é uma história linear. Para cada romance ele escolhe alguns episódios e os trabalha no modo da narrativa contemporânea. A história sempre é contada de um modo fragmentário, dialogado. Nunca é um narrador de terceira pessoa, por exemplo.

INFORME: Os mesmos personagens aparecem nos livros?

VM: Há alguns personagens que atravessam a série, mas também de maneira fragmentária. Não há a possibilidade de acompanharmos a vida inteira de alguém.

INFORME: *Campo Francés* é uma novela escrita como um roteiro de cinema. Eu gostaria de saber o que há de novela e o que há de roteiro.

VM: Esse é um dos problemas que eu abordo no meu estudo de introdução da edição. A historiografia espanhola dava esse livro de Max Aub como um livro inacabado. Este livro foi editado pela primeira vez na França com a mesma composição que você viu na minha edição: há uma história escrita numa linguagem a modo um pouco do diálogo, do roteiro cinematográfico, da peça teatral. Há também as imagens, fotos da imprensa da época, algumas até de fonte recuperável, e gravuras do Bartoli, que também foi prisioneiro em Vernet com o Max Aub. A crítica entendeu essa composição do romance como sendo de uma obra inacabada, houve muita dificuldade de entender que aquilo era o texto. É bom lembrar que esse texto é de 1965. O Cortázar, por exemplo, quando lança *O último round* (1969), que é um livro composto com imagens, as páginas todas cortadas, em que se faz uma composição e que há uma história das imagens, dos fragmentos, etc., a crítica hispano-americana nunca leu o livro como uma obra inacabada. No caso de Max Aub, havia um problema de recepção, apesar de o autor dizer no prólogo ao romance que a intenção dele era misturar cinema e romance. Ele diz no prólogo que *Campo Francés* foi escrito num barco, quando ele viajou do campo de concentração na Argélia para o México, em 1942, pensando no cinema. Ele levou muito tempo para pensar o texto. Houve uma primeira tentativa como uma peça de teatro, publicada em 1944, chamada *Morrer por fechar os olhos*. O enredo é praticamente o mesmo, mas ele ficou elaborando o texto e, em 1964, chega o momento em que ele termina o livro e o manda para ser publicado na França.

Havia uma incompreensão da crítica, e o fato de ter sido eu a responsável pela nova edição, tem relação com a leitura que eu faço. Todos os livros de *O labirinto mágico* não foram publicados na Espanha enquanto o (General Francisco) Franco vivia, tudo foi publicado depois. Quando se editou *Campo Francés*, editou-se sem as imagens. Desde então, não haviam mais editado com as imagens.

O meu interesse pelo Max Aub é anterior a isso, eu já estudava o Max Aub. Uma vez eu escrevi um trabalho para uma revista italiana em que eu lia o texto como acabado. Eu analisei a relação que existe nessa composição: como o enredo contado através

das imagens, sejam as fotos, sejam as gravuras, é articulado com a história dos personagens. Ou seja, as imagens integram o enredo. A vida dos personagens dialoga com aquele cenário da ascensão do fascismo e do começo da II Guerra Mundial. Este é o cenário que conforma e dá causalidade ao enredo.

Por esta minha leitura, a Fundação Max Aub achou que eu deveria preparar a edição do romance. Eu coloquei minha posição de que a edição deveria ser igual à primeira. Quando eu estive no arquivo, eu tive a documentação. No meu estudo introdutório ao romance, há imagens dos manuscritos que mostram como a seqüência em que ele foi escrevendo a narrativa acompanha a seqüência das imagens que estão no romance. Algumas das imagens que coloquei na introdução são, provavelmente, do caderno que ele levava no barco, o documento ao qual ele se refere no prólogo. Depois, eu pude acompanhar no arquivo a correspondência dele, em que ele conta como ele conseguiu no México aquelas imagens, o que anula a possibilidade de ter sido a editora quem colocou as imagens e que aquilo era um livro ilustrado. Não é um livro ilustrado: aquilo é o livro. Apesar de haver um padrão para a coleção, no prólogo eu procurei colocar essa documentação que revela como ele vai retomando o romance e como ele consegue conceber um livro que possa, sob o ponto de vista dele, responder a expectativa que ele tinha mesmo para que fosse só um filme.

INFORME: Há uma frase de Max Aub que diz: “não tenho direito de calar o que vi para escrever o que imagino”. Na opção do autor pela forma de roteiro cinematográfico, e também na inserção das fotos, haveria a intenção de conferir ao texto um caráter mais documental, uma vez que o cinema, a princípio, nos dá, mais que a literatura, a impressão de verdade?

VM: Há uma estrutura que arma o texto para colocar o leitor contemporâneo em contato praticamente direto com os eventos. Por isso, eu faço uma leitura na chave da literatura de testemunho, daí toda a informação teórica vinculada aos estudos do holocausto. A procura da forma de apresentar o romance certamente responde a esse desejo de testemunhar, por um lado, e também é uma composição que pretende que aquilo não se confunda com uma autobiografia. A tragédia do *Campo Francés* não aconteceu apenas a uma pessoa. Max Aub sempre recusa, inclusive em outros textos, a forma autobio-

gráfica quando vai tratar dos campos. Por isso, a própria estrutura do texto sempre é uma estrutura que desloca a expectativa de que haja um narrador onisciente (3ª pessoa) ou em primeira pessoa. Ou seja, ele elabora uma forma que quer entrar em contato com o leitor praticamente usando a eficácia da informação. Ele faz uma reflexão sobre isso no prólogo do romance, diz que usa as imagens porque ou elas são transparentes ou nada significa ter que explicar. Para ele, a imagem teria o poder de falar de modo imediato.

Todo o romance está montado como uma colagem de linguagens. O narrador está escondido nesta colagem. É claro que se você observa o movimento, você percebe qual é a perspectiva do narrador. O movimento é o de explicitar a sua concepção dos fatos. Nisto ele é sempre cabal: a responsabilidade pelo desastre da guerra da Espanha e da II Guerra Mundial é a hipocrisia das democracias européias. É isto que o romance constrói, quando ele vai montando as imagens mostra claramente a feição do fascismo. A disposição das gravuras também é importante, há um apagamento da imagem humana, o que representa a despersonalização e a desumanização que o campo de concentração provoca.

INFORME: Na sua edição, a senhora coloca diversas notas explicativas. Segundo a senhora comenta na introdução, elas foram inseridas pensando nos leitores mais jovens, que talvez não estivessem habituados com as referências históricas presentes no livro. A senhora poderia falar um pouco sobre essa opção?

VM: Eu entreguei essa edição no final de 2005 para a Fundação Max Aub, que iria publicar. A Fundação, então, começou a negociar direitos de imagens, um longo e complexo problema. A família do Bartoli, que é o gravurista e faleceu em 1995, cedeu imediatamente. Mas ainda havia todas as imagens de jornais e revistas da época. Levou tempo para a Fundação conseguir isso, e durante esse tempo eles foram ponderando a possibilidade de se publicar numa editora mais comercial, que tivesse uma boa distribuição. A Fundação Max Aub produz livros lindíssimos, mas tem dificuldade de distribuí-los. Então, eles ofereceram a edição para a Castalia, que aceitou publicá-la. Para isso, eu tive que reduzir a introdução, que estava um pouco maior, mas aceitaram manter as notas que eu tinha preparado. O crité-

rio das notas eram, primeiro, as referências históricas, das quais o livro é crivado e que são hoje menos familiares para o leitor jovem. Há um grande número de notas vinculadas ao contexto histórico. O outro critério foi tomar certas partes do texto definitivo comparando com o material que eu levantei no arquivo. O manuscrito final que ele mandou para a editora não existe, mas há alguns documentos no arquivo em que há notas, esboços, e eu os comparo com a composição final do romance. Mais um critério para as notas, algumas longas, é remeter o leitor a outros textos de Max Aub. Há a intenção de dar ao leitor que comece a ler o Max Aub pelo *Campo Francés*, pistas para outros textos que se relacionem com cenas e personagens. As citações servem para ilustrar o mundo de Max Aub, que escreveu muitíssimo.

INFORME: Na Espanha, a crítica tomou *Campo Francés* como uma obra inacabada. Como é a recepção da literatura de Max Aub aqui no Brasil?

VM: O Otto Maria Carpeaux, que é um grande leitor, leu e escreveu sobre Max Aub. Eu descobri isso na Espanha, no arquivo do Max Aub. Apesar de terem sido reunidos em dois livros os textos de Carpeaux publicados em jornal, este trabalho sobre o Max Aub não está em nenhum deles. Há também leitores dispersos, ou gente que se interessa muito pelo livro, porque o Max Aub foi sempre muito cuidadoso com a edição dos seus livros do ponto de vista gráfico, do livro como arte. Quando eu estava começando a ler o Max Aub eu me lembro que José Mindlin conhecia o Max Aub e tinha em sua biblioteca. Celso Lafer também, e ele me disse que quem falava do Max Aub para ele era o Octavio Paz.

Do ponto de vista editorial, nós tivemos uma tentativa muito bem sucedida: a Amauta, que é uma editora pequena, traduziu em 2004 *Os crimes exemplares*, uma tradução muito boa, e o livro se esgotou em poucos meses. Foi um livro bem recebido, com boas resenhas, etc.

Na Universidade há um grupo interessado em Max Aub. Aos poucos vamos criando leitores. Eu já orientei um mestrado, o de Luísa Martins, sobre o autor, e atualmente oriento outros dois.

É difícil falar da recepção brasileira de Max Aub porque a documentação escrita é pequena, há o texto do Carpeaux, essa edição brasileira, livros em algumas bibliotecas. Agora começa a aparecer Max Aub em sebo virtual no Brasil.

FFLCH RECEPCIONA SEUS EMBAIXADORES

POR PRISCILLA VICENZO DA SILVA E LAÍS LUCAS MOREIRA

No dia 1º de agosto os Embaixadores da FFLCH foram recepcionados em cerimônia oficial no Salão Nobre do prédio da Administração. O evento ocorreu em homenagem aos participantes e serviu também para apresentar o trabalho a ser desenvolvido por eles. Os Embaixadores são alunos matriculados no primeiro ano dos cursos da FFLCH que fizeram o Ensino Médio em escolas públicas. Eles foram convidados a participar do Projeto, que propõe que os alunos que passaram pelo ensino público e driblaram as dificuldades do vestibular retornem às suas escolas para relatar suas experiências e divulgar os programas da USP para auxílio ao estudante.

Todas as unidades da USP possuem seus Embaixadores, mas a FFLCH é a que soma o maior número de representantes: 294. Para recepcionar devidamente a tantos participantes foram estabelecidos dois horários de encontro, de manhã e à tarde, cada um com metade do pessoal.

O evento teve início com a palestra de abertura do Diretor da Faculdade, Prof. Gabriel Cohn, acompanhado da Pró-Reitora de Graduação, Profª Selma Garrido Pimenta; Profª Glória da Anúnciação Alves, do Departamento de Geografia; Profª Marisa Grigoletto, do Departamento de Letras Modernas e de Marisa Luppi, Diretora da Divisão de Promoção Social do COSEAS (Coordenadoria de Assistência Social da USP).

O Professor tratou, dentre outros assuntos, do orgulho de se pertencer a uma Universidade como a USP. A Professora Selma, que rege o programa, pronunciou-se dizendo que ele é quase uma obrigação da Universidade. Segundo ela, o Programa de Embaixadores faz parte dos programas do Inclusp (Programa de Inclusão Social da USP) e visa incentivar os alunos de escolas públicas a prestarem o vestibular da USP. Este incentivo se faz necessário uma vez que a maioria dos estudantes da USP é egressa do ensino particular, dado surpreendente se pensarmos, por exemplo, que é nas escolas públicas que estão cerca de 85% dos jovens que cursam o Ensino Médio no Estado de São Paulo.

Ela refuta ainda um argumento bastante utilizado por pessoas que não se colocam a favor de programas como esse dizendo que, em função de certo preconceito da sociedade, “as pessoas tendem a achar que a qualidade do ensino da USP cairia caso ingressem mais alunos da rede pública”. Porém, esse

aspecto pode ser descartado já de antemão, uma vez que se comprovou que “o desempenho dos ingressantes do ensino público foi equivalente ou ligeiramente superior ao do aluno advindo de escolas particulares”, constata Selma Garrido.

Na reunião da tarde estiveram presentes, além do Diretor e da Pró-Reitora, o Vice-Reitor, Prof. Franco Maria Lajolo; o Prof. Roberto Bolzani, presidente da Comissão de Graduação da FFLCH; o Prof. Gildo Magalhães dos Santos Filho, do Departamento de História; e, novamente, a Sra. Marisa Luppi.

Os Embaixadores e suas conquistas de ingresso na USP seriam por si sós um exemplo incentivador, mas eles estão também incumbidos de divulgar as possibilidades de ingresso e permanência oferecidas pela Universidade. Muitos dos estudantes de colégios públicos, envolvidos pelo estigma de uma Universidade inatingível, não sabem, por exemplo, que a USP é uma instituição pública e, portanto, gratuita. Aliás, quanto a esse aspecto, a Profª Glória, do Departamento de Geografia, relata um episódio que o exemplifica bem. Segundo ela, certa vez, ao perguntar a seus alunos sobre o desempenho deles na FUVEST, constatou que muitos deles sequer haviam tentado o vestibular da USP por não acreditarem em aprovação. Pensando nisso a Professora, emocionada, fala do auto-bloqueio e da auto-segregação que os alunos constroem em cima de seu próprio potencial.

Ainda que se desconheça, a Universidade tem oferecido auxílio mesmo previamente ao ingresso, disponibilizando 65.000 isenções de pagamento para as inscrições da FUVEST; isenções que não têm sido utilizadas em sua totalidade (apenas 20.000 foram efetivadas no ano de 2007). Há também como incentivo a Bolsa FUVEST, que beneficia os 180 primeiros colocados no vestibular oriundos de escolas públicas.

Outro fator que pode ser decisivo para o ingresso na Universidade são os bônus recebidos no vestibular. Desde 2007, os alunos de escolas públicas recebem bonificação de 3% sobre a pontuação obtida no exame. No vestibular 2009 haverá também bônus de até 6% dependendo do desempenho do candidato no ENEM e de até 3% para os que se inscreverem no PasUSP (Programa de Avaliação Seriada da USP).

No encontro os Embaixadores receberam folhetos explicando os programas de assistência da

USP a fim de otimizar a atuação desses disseminadores. O Programa de Embaixadores lhes oferece ainda uma ajuda de custo e um Certificado pela participação; a ajuda pode ser de R\$ 50 ou R\$ 100, dependendo da localidade onde mora o Embaixador – interior ou capital.

É importante lembrar que os estudantes que vieram de escolas particulares, assim como os já veteranos, também podem voluntariar-se para integrar o programa. Os interessados devem procurar a Comissão de Graduação de sua Unidade. Mais informações no site www.usp.br/inclusp.

EM DEBATE:

REDIMENSIONAMENTO QUALITATIVO DO SISTEMA DE BIBLIOTECA

POR PRISCILLA VICENZO DA SILVA

Por iniciativa da Comissão de Pesquisa da FFLCH, foi realizado no dia 25 de agosto reunião que pretende iniciar uma discussão sobre as atuais condições da biblioteca da Faculdade, Biblioteca Florestan Fernandes. Para iniciar o encontro, houve palestra com o professor Michael Hall, da UNICAMP, reconhecido pela sua experiência em coordenar construções de acervos na área de humanidades.

Em sua palestra, o professor mostrou dados estatísticos para uma visão comparativa: a UNICAMP possui cerca de 900 mil volumes em seu acervo; universidades inglesas fundadas na mesma época (década de 1960) possuem de 2 a 3 milhões de volumes. Diferença no mínimo alarmante.

Além disso, o professor elencou algumas medidas que ajudariam a melhorar a qualidade de bibliotecas de pesquisa. Segundo ele, é necessário otimizar a experiência dos bibliotecários, viabilizando a estes profissionais, por exemplo, a realização de cursos no exterior, ainda que de curta duração, e o aprendizado de idiomas diversos, uma vez que o acervo de uma boa biblioteca de pesquisa se faz também com obras escritas em variadas línguas.

Haveria também de se construir um catálogo nacional, de maneira a permitir ao usuário saber onde en-

contrar o livro que procura. Nesse caso, seria indispensável aumentar os vínculos entre as bibliotecas, possibilitando de forma rápida e eficiente empréstimo ao usuário de diferentes bibliotecas. A troca de material entre as bibliotecas tem ainda a vantagem de amenizar o problema do acesso a obras em “línguas exóticas”, já que com apenas uma compra poder-se-ia atender a pesquisadores de diversas localidades.

A questão da dificuldade de compra no exterior foi também abordada na palestra do professor Michael Hall. Além de repensar a real necessidade dos vários obstáculos burocráticos para a compra, é preciso motivar os professores a envolverem-se mais nas atividades da biblioteca, acompanhando todos os detalhes, desde a aquisição até a manutenção do acervo.

À palestra seguiu-se um debate com participação dos presentes: professores e funcionários da Biblioteca Florestan Fernandes. Ao final da discussão propôs-se formar um grupo para elaboração de um projeto em prol do redimensionamento qualitativo da biblioteca não só da FFLCH, como também das da UNICAMP e da UNESP, universidades com as quais o grupo pretende estabelecer contato para uma discussão unificada.

FFLCH ABRIGARÁ ENCONTROS DA CAUSA HOMOSSEXUAL

POR GUSTAVO DAINEZI

No mês de Setembro a FFLCH, juntamente ao MAC Ibirapuera, será palco do IV Congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (ABEH) e do I Encontro Hispano Brasileiro de Militantes Homossexuais.

Segundo Berenice Bento, diretora da ABEH, um dos principais objetivos dos eventos é “Possibilitar

o encontro de pesquisadores para estabelecer interlocuções sobre suas investigações”. A terminologia “militantes” é usada, segundo ela, porque eles “tem o objetivo de intervir na realidade marcada pela heteronormatividade e transformá-la”.

Para Berenice, o momento atual da homocultura no país é favorável, pois “há inúmeras pesquisas so-

bre diversidade sexual e de gênero, nas múltiplas áreas do conhecimento” e “há um movimento social muito forte”. No entanto, a situação ainda não é a ideal, porque “gays/lésbicas/transsexuais/travestis ainda são tratados como cidadãos de segunda categoria”.

Os encontros pretendem discutir essencialmente homossexualidade e cinema, homossexualidade e literatura, movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis), identidade de gênero e transexualidade/travestilidades. Ou seja, haverá uma multiplicidade de olhares, recortes temáticos e empíricos em torno das questões LGBT.

Berenice define a ABEH como sendo uma associação de “professores (as) inseridos(as) em universidades e em núcleos de pesquisa. Temos claro que nossas pesquisas produzem um novo saber que busca se con-

frontar com o estabelecido, o normatizado. Até pouco tempo, discutir sexualidades e gêneros era uma prerrogativa das ciências PSI (psicologia, psicanálise e psiquiatria) e da medicina. Só essas áreas do conhecimento tinham a legitimidade para falar sobre esses temas. Esta situação tem mudado consideravelmente nos últimos anos e a ABEH tem contribuindo para a despatologização das identidades sexuais e de gênero”.

O IV Congresso da ABEH e o I Encontro Hispano Brasileiro de Militantes Homossexuais acontecem entre os dias 9 e 12 de setembro, na FFLCH/USP e no MAC Ibirapuera. Os eventos contarão com transmissão ao vivo pelo Iptv/USP. Maiores informações sobre os eventos podem ser conseguidas pelo e-mail abeh2008@gmail.com ou pelo telefone 3091-4843.

III EPOG – ENCONTRO DE PÓS-GRADUANDOS

POR GUSTAVO DAINEZI

O Encontro de pós-graduandos da FFLCH chega à sua terceira edição neste ano de 2008. Conversamos com a presidente da comissão de pós-graduação da FFLCH, professora Paula Monteiro.

INFORME: Como surgiu o EPOG?

Paula Monteiro: A partir de experiências (de encontros) que deram certo na UNICAMP. Tive a idéia de que essas experiências poderiam dar certo aqui em São Paulo. Conversei com o então presidente da CPG (Comissão de Pós-Graduação), Antônio Sérgio Guimarães, que achou uma boa idéia. Resolvemos, então, experimentar esta que seria a primeira experiência de integração acadêmica da FFLCH. Ela é totalmente “despedaçada em ilhas”. Cada setor realiza seus próprios debates acadêmicos, mas não há interlocução entre áreas, que eu penso ser a maior virtude do EPOG.

INFORME: Sob quais preceitos o EPOG foi instituído?

PM: O maior objetivo era tentar sedimentar um diálogo inter-áreas. Para nós a grande surpresa é que as áreas estão estudando temas muito parecidos. Temos, então, a Filosofia, que pode contribuir com muitos temas da lingüística, das Ciências Humanas, da Antropo-

logia, a História que está em todas as áreas, e mais uma série de combinações possíveis. Este diálogo que propõe o EPOG nunca é feito. Trabalhos muito paralelos, que ganhariam com a interlocução, ficam trabalhando isoladamente. O acúmulo de competências, de informação e de conhecimento aqui é enorme, mas não existe uma circulação destas produções.

INFORME: O EPOG pode ser considerado um passo no caminho à interdisciplinaridade?

PM: Eu acho que a interdisciplinaridade é fundamental, mas não são procedimentos pontuais que nos levarão a atingi-la efetivamente. A minha grande preocupação em relação a este tema é o risco do ecletismo, porque para que se possa ter interdisciplinaridade deve haver disciplina, em primeiro lugar. Deve haver o domínio da disciplina. Quando a interdisciplinaridade é vista como um “borboletear” por todos os campos, o conhecimento sofre. Na verdade acho que o que é interessante na proposta do EPOG é que as pessoas situadas nas suas disciplinas entram em contato com perspectivas de outras disciplinas sobre os mesmos temas. O resultado não será uma interdisciplinaridade propriamente dita, mas uma conscientização dos pesquisadores para leituras fora de sua área.

INFORME: Qual a avaliação da CPG sobre os dois primeiros encontros?

PM: A nossa avaliação é que existe uma evolução. Estão ficando cada vez melhores. O interesse dos alunos foi grande desde o início, mas do ponto de vista da participação dos programas e das formas de organização, estão melhorando bastante. O segundo foi muito melhor que o primeiro e esperamos que o terceiro seja ainda melhor que o segundo. O que ficou muito nítido no segundo encontro foi a grande qualidade das exposições. Houve, entre professores e participantes, uma unanimidade no sentido de que as exposições foram excelentes e os debates foram muito bons. O grande ponto frágil, que mereceria atenção este ano é: aumentar a participação de alguns programas, que ainda estão muito tímidas e aumentar sobretudo a participação de alunos, tanto de graduação quanto de outras áreas, como público.

INFORME: De que forma os estudantes de graduação da FFLCH e estudantes de outras áreas poderiam aproveitar o encontro?

PM: Do ponto de vista de quem apresenta, é voltado para o exercício daqueles que estão nos programas de pós-graduação. Mas o público pode se beneficiar tanto no sentido de perceber como as várias áreas entram em interlocução quanto no próprio aproveitamento dos debates, que têm sido sempre de alto nível. É um benefício de formação.

INFORME: Gostaria que a senhora comentasse a estrutura das mesas.

PM: A maior dificuldade neste tipo de encontro é organizar as mesas, porque é necessária uma equipe que se dedique a ler os resumos e encontrar quais são os diálogos possíveis a partir dos resumos e dos títulos. No EPOG, por enquanto, isto tem dado certo. Se a mesa é bem montada e se o coordenador da mesa é bem escolhido, o debate fica muito mais rico.

INFORME: Como serão elaboradas as mesas do III EPOG?

PM: Primeiro teremos as inscrições, nas quais é obrigatória a apresentação de resumos. Em seguida

haverá uma leitura dos resumos por uma comissão especial, que definirá os títulos e os participantes das mesas. Um dos principais critérios é não colocar na mesma mesa nem pessoas do mesmo Departamento (ou do mesmo programa), nem orientadores e seus orientandos.

INFORME: Existe a proposta de elaboração de um *paper* do encontro?

PM: Ainda não pudemos propor isto porque não temos como publicar.

INFORME: Existem outras iniciativas deste gênero dentro da USP ou em outras Universidades?

PM: Que eu saiba, não. Sobretudo considerando-se o tamanho da FFLCH, que é quase uma universidade dentro da Universidade. Então, como experiência, o EPOG é bastante particular.

INFORME: Já é possível perceber alguma mudança na produção científica da faculdade a partir do EPOG?

PM: Ainda não. Ainda é muito cedo, mas acho que seria bem interessante se o EPOG desse certo a longo prazo e se tornasse uma tradição da FFLCH. Acho que a nossa história recente é uma história de alheamento. As áreas não conversam entre si, a própria faculdade tem uma burocracia pesadíssima – se existe uma integração, ei-la. Não existe uma integração pelas idéias. Acredito que a maior contribuição que podemos dar com o EPOG é esta, porque aproveitar o que os outros já fizeram, especialmente aqui que é tão perto, faz bem à Ciência.

Você poderá acompanhar as novidades e a cobertura do EPOG no INFORME, na Sala de Imprensa do site da FFLCH e no próprio site do

EPOG: <http://www.fflch.usp.br/eventos/epog/>

O EPOG acontecerá na FFLCH entre os dias 17 e 19 de novembro de 2008. As inscrições acontecem até dia 31 de agosto no site mencionado acima. Para mais informações enviar e-mail para Soraya, no endereço gebara@usp.br.

ESPAÇO DO FUNCIONÁRIO

A FFLCH VISTA POR DENTRO

POR GUSTAVO DAINÉZI

Na segunda entrevista desta série, conversamos com o Sr. José Costa, funcionário da FFLCH há 23 anos.

INFORME: Gostaria que o senhor contasse como foi o começo de sua história na FFLCH.

Zé Costa: Comecei em 1985, como contínuo porteiro no prédio de Letras. Em seguida fui trabalhar nos Serviços Gerais e depois como zelador, em 1989.

INFORME: Conte um pouco sobre as suas funções em cada cargo.

Zé Costa: Como contínuo porteiro fazia as funções de portaria e auxiliava a secretaria em algumas tarefas como levar e trazer correspondência. Nos serviços gerais o trabalho era um pouco mais pesado. Eu usava ainda a máquina de escrever. Todas as máquinas quebradas da FFLCH eram carregadas por mim para o conserto na prefeitura (do campus). Agora, com computador fica tudo mais leve (risos). Como zelador o trabalho tem sido muito bom e tranquilo. Eu cuido da manutenção do prédio, acompanho os serviços realizados, o pessoal de limpeza, etc.

INFORME: Iniciou o trabalho de zelador onde?

Zé Costa: No prédio da Administração mesmo. Depois fui para o prédio de Letras, em seguida para o de Filosofia, onde trabalhei 11 anos. Saí do prédio do meio para o de História e, finalmente, vim para a Casa de Cultura Japonesa.

INFORME: Qual desses prédios deu mais trabalho ao senhor?

Zé Costa: O de História. Na época em que eu trabalhava lá, quando chegava a noite, havia muitos menores circulando no prédio. Os menores nos davam muito trabalho, pois além de circularem pelos pré-

dios, entravam nos Centros Acadêmicos, o que não podia ser feito. E os alunos da Faculdade ficavam protegendo os menores quando tentávamos retirá-los de lá. Havia um menor que vinha para cá armado. Um outro tentou até me furar com um canivete.

INFORME: Esses menores consumiam bebidas alcoólicas desde a sua época no prédio de história?

Zé Costa: Sim, desde quando eu trabalhava lá eles conseguiam fazer consumo dessas bebidas.

INFORME: Houve muitos problemas estruturais nos prédios?

Zé Costa: O maior problema foi na história também. A questão das chuvas. O que acontece lá quando chove é uma falha na tubulação. O volume de algumas chuvas é maior do que a capacidade da tubulação, então fica todo o vazamento. O único jeito é fazer uma cobertura, como está previsto no plano de reformas. Aí resolve.

INFORME: Mudou muita coisa na FFLCH desde o tempo em que o senhor entrou?

Zé Costa: O ambiente aqui sempre foi legal. Sempre me dei bem com todo mundo. Algumas pessoas saíram, algumas delas voltaram, mas no geral sempre me relacionei bem com todos.

INFORME: Em alguma época o trabalho do senhor ficou mais difícil ou perigoso?

Zé Costa: Não, nesse ponto sou feliz. Meu trabalho sempre foi tranquilo. Algumas vezes aconteceu de eu querer trabalhar de uma forma e a chefia entender que tinha que fazer de outra. Algumas dessas vezes eu queria fazer do jeito que achava mais certo, mas a chefia se recusava. Mas sempre tentei manter a paz e as coisas sempre se resolveram bem.

INFORME: Quais foram as suas primeiras impressões?

Zé Costa: Foram boas. Eu vim pra cá de uma metalúrgica. O ambiente aqui era bem diferente, mas eu achei legal. O que me chamou a atenção foi o modo de atender ao público. No meu emprego anterior não tinha isso. Eu acho muito melhor um trabalho em que a gente se relaciona com as pessoas.

INFORME: Estando sempre circulando pelos prédios, o senhor já deve ter visto coisas estranhas, poderia contar alguma?

Zé Costa: Já vi muitas coisas estranhas, mas não dá pra falar não... (risos).

INFORME: Quais são, na sua opinião, as melhores e piores características da FFLCH hoje?

Zé Costa: Olha, a FFLCH nos dá muito boas condições de estudar enquanto trabalhamos, por exemplo. E tem também o ambiente, que é muito bom para mim. Mas de ruim... olha, de ruim só o salário (risos).

INFORME: Disputas políticas acabam por atrapalhar o trabalho do senhor?

Zé Costa: Acho que não atrapalha.

INFORME: Como estão os planos do senhor para o futuro?

Zé Costa: Estou me aposentando em breve. Talvez continue trabalhando mais um pouco.

INFORME: Em todo esse tempo aqui, o que mais orgulha o senhor?

Zé Costa: Foi ter feito bem meu trabalho aqui e conseguido minha aposentadoria. Nunca tive aqui

nada que me abalasse, que pudesse me prejudicar. Gosto de atender todos muito bem. Nunca consegui falar não para ninguém. Mesmo quando pediam coisas que não eram da minha função eu fazia.

INFORME: Quais são as suas maiores virtudes profissionais?

Zé Costa: Além de fazer meu serviço direitinho, acho que é a pontualidade. Também gosto de me dar bem com todo mundo. Até hoje não fiz nenhum inimigo aqui. É uma satisfação hoje para mim ser sempre lembrado pelas pessoas quando passo por algum prédio. Tem sempre alguém chamando: “ô Zé! Tudo bem!” (risos).

INFORME: Que pessoas marcaram o senhor aqui na FFLCH?

Zé Costa: Olha, aqui tem muitas pessoas que eu admiro e com quem tenho amizade. Uma pessoa especial, que eu considero muito é uma das zeladoras da época em que eu entrei aqui, chamada Maria Damiana. Sérgio Francisco de Lima, meu chefe, assim que entrei, também tem minha admiração. Quando estava nos Serviços Gerais, um homem muito importante, hoje falecido foi o Farias (Ildefonso Farias). Ele era zelador, e era eu o escolhido para cobrir as folgas dele. Foi assim que comecei a atuar como zelador. Hoje minha chefe, Maria José, é uma pessoa que também respeito muito.

INFORME: Depois de aposentado, o senhor pretende fazer o que?

Zé Costa: Penso muito em ir embora para Sergipe, minha terra. Quero ir para a minha cidade natal, Pedrinhas, na beira da praia. Lá é uma delícia. Vou construir minha casa e me mudar pra lá.

ENTREVISTA COM SEU CÉLIO, ANTIGO FUNCIONÁRIO DA FACULDADE

POR LAÍS LUCAS MOREIRA

Na primeira de uma série de entrevistas com funcionários aposentados da FFLCH, quem fala ao INFORME é Seu Célio, que se dedicou integralmente durante 33 anos à Faculdade e relata algumas de

suas passagens, especialmente no ano de 1968.

INFORME: Quando o senhor começou a trabalhar na Faculdade? Como aconteceu esse ingresso?

Seu Célio: No dia 9 de fevereiro de 1951 fui

admitido na Faculdade como mensageiro, atendendo à indicação de um amigo meu, Bernardo Gomes, funcionário de categoria da Reitoria. A vaga era para o meu irmão, Dalton Machado da Silva, mas não sei por que, em cima da hora, ele não quis aceitar a indicação; aí Bernardo conversou comigo e eu disse que aceitaria.

Entrei para trabalhar no Departamento de Fisiologia Geral e Animal da Faculdade de Ciências e Letras, em 1951, instalada na Alameda Gleite, 463. A Reitoria da USP funcionava na Rua Helvétia, em um prédio alto, quase em frente à Estação Sorocabana, entre a Duque de Caxias e o Palácio do Governo, nos Campos Elíseos.

Ali naquele prédio funcionavam os Departamentos de Fisiologia Geral e Animal, de Biologia, de Química, de Geologia e Mineralogia e de Zoologia. Comecei a trabalhar com os professores do Departamento de Fisiologia, Paulo Sawaya, Erasmo Garcia Mendes, Domingos Valente, Dolores Perez Gonzaga, Elisa Pereira do Nascimento, Rubens Salomé Pereira, fora os visitantes, como o Professor José Simões, o Professor Edward Jorge, a bibliotecária Gertrudes, as secretárias Elsa Gonsales e a Alba Tereza Cottens e outros que não me recordo dos nomes agora. Esse foi meu início de vida na USP, eu estava recém-casado e hoje estou casado há 57 anos.

INFORME: Como foi a trajetória do senhor na Faculdade? Por quais cargos o senhor passou?

Seu Célio: Comecei na Faculdade como mensageiro, fazendo serviços mais burocráticos, como ir ao correio ou ir ao centro, no Banco do Brasil. Com o tempo, fui aprendendo a fazer mais coisas, a mexer com importação, consegui tirar licença de importação – o Departamento recebia doações da Fundação Rockefeller.

Logo depois, me tornei escriturário e, em seguida, quando a Faculdade foi transformada em institutos, o Professor Sawaya criou um setor de veículos e fui indicado por ele como encarregado. Montamos então uma oficina em um barracão no campus da USP, com mais mecânicos (Hermínio, Roberto e Álvaro Duarte – que foi chefe da seção

de veículos depois da minha saída), que posteriormente foi fechada, já que a Universidade precisava do espaço e não havia mais necessidade de a Faculdade ter uma oficina de todos os institutos. Cada unidade deveria ter a sua.

Quando ingressei na Faculdade a organização administrativa contava com o Prof. Eurípedes Simões de Paula como diretor, o Jack Frederick Gebara, como secretário, o Eduardo Ayrosa, como tesoureiro, o Paulo Parente era o chefe da contabilidade, o Pilla era o chefe o patrimônio e o chefe o almoxarifado era o Thomé. Ocorreram muitas mudanças, quem acabou assumindo como secretário da Faculdade foi o Ayrosa e a maioria dos chefes foi para os novos institutos.

Voltei para a administração e cheguei a ser chefe da seção de patrimônio e da seção de compras, as duas juntas. Nesse período, estava fazendo faculdade de Direito (Seu Célio se formou em Direito com 48 anos de idade).

Na verdade, para a Secção de Patrimônio, eu queria indicar o Paulo Rosa, uma pessoa muito competente, um cara de valor que tínhamos na Faculdade, mas enquanto isso eu fiquei com as duas. Posteriormente, ele chegou até a ser chefe do Patrimônio. Da seção de compras, fui indicado a assistente administrativo, onde fiquei até me aposentar.

INFORME: O senhor foi a primeira pessoa da família a trabalhar na Faculdade ou houve pessoas anteriormente que já haviam trabalhado lá?

Seu Célio: Minha família tem um histórico de trabalho para o Estado. Minha mãe trabalhou na Secretaria da Fazenda, meu pai foi funcionário da Repartição de Águas e Esgotos que ficava na Rua Riachuelo.

Na USP, após o meu ingresso, meu irmão Dalton, foi contratado para trabalhar na seção gráfica; seu filho, o Antônio Sérgio, também chegou a trabalhar na USP, no Instituto de Biociências.

Tenho duas filhas – a Célia e a Beth –, que trabalharam durante um tempo na Faculdade. A Célia continua até hoje, mas a Beth foi trabalhar na iniciativa privada. Após esse período fora do serviço público, prestou um concurso para outra unidade da USP, a

Escola de Enfermagem, de onde também acabou saindo. Hoje ela trabalha em uma Fundação do Governo do Estado, na área financeira.

INFORME: Sobre o ano de 1968, o senhor poderia nos contar algum fato ocorrido na época e que o tenha marcado?

Seu Célio: Em 1968, passamos um período muito conturbado e cheio de conflitos onde havia pressão do Estado. Foi nessa época que o Prof. Paulo Sawaya sofreu um acidente de carro e um professor decano, Saldanha da Gama, que era oficial do exército, acabou assumindo a diretoria da Faculdade.

Após esse período foi feita uma nova eleição e o Prof. Eurípedes foi o novo diretor da Faculdade.

Outro fator importante e que me marcou também nesse ano foi exatamente quando a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) se transformou em Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). A gente dizia que a FFCL tinha tido sete filhos, os Departamentos, que depois deram origem a outros institutos, como o Instituto de Biociências, de Química, de Geociências, de Psicologia, de Matemática e Estatística.

INFORME: O senhor se lembra de alguma passagem que queira nos contar?

Seu Célio: Eu tive passagens muito boas na Faculdade. Na Maria Antonia também tive grandes amizades, inclusive professores, diretores, até o Professor Gabriel Cohn, atual diretor da Faculdade.

Sempre fiz muitas coisas para o Professor Sawaya, até buscar material para ele em Santos, para que ele pudesse preparar suas aulas. Certa vez, importamos um microônibus, que eu fui buscar em Santos. Vim dirigindo para cá, trouxe para o Instituto de Biologia Marinha, que era dependência do Departamento de Fisiologia, e depois passou a ser instituto da Faculdade. Aliás, esse instituto existe até hoje em São Sebastião, e o terreno foi uma doação do Professor Sawaya.

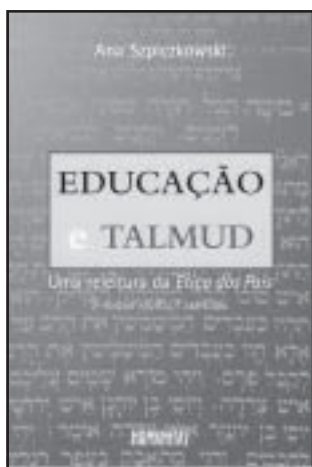
Hoje, como aposentado, meu vínculo com a faculdade é só pelo holerith, que eles me mandam em

casa, e pela minha filha, que está para se aposentar. Apesar disso, eu gosto muito da faculdade e o que eu puder fazer por ela, eu faço.

Características de Seu Célio e de seus anos de FFLCH

- Seu Célio é um dos fundadores do FAC – Filosofia Atlético Clube, em conjunto com as pessoas que trabalhavam na gráfica da Faculdade.
- Permaneceu durante 33 anos trabalhando exclusivamente na FFLCH. Segundo ele, até chegou a colaborar em outras instituições, porém, sua prioridade sempre foi a Faculdade. Até se aposentar, completou 35 anos de casa.
- Em 1951, quando Seu Célio foi admitido, a antiga FFCL já funcionava no mesmo prédio da Faculdade de Maria Antônia; porém, antes disso, chegou a funcionar nas instalações da Secretaria do Estado.
- A Congregação da época era formada pelo diretor de cada Departamento e os professores titulares eram chamados de “catedráticos”.
- Para Seu Célio, deveriam ser feitos álbuns de fotos de memórias todos os anos, ou pelo menos com certa periodicidade, para que as pessoas que trabalham ou trabalharam na Faculdade sejam eternizadas. Ele chegou a iniciar um livro de memórias no ano de 1981, com todas as pessoas de todos os serviços da Administração, ainda que não tenha conseguido dar continuidade.
- Apesar de ter-se formado no curso de Direito, não saiu da Faculdade para dedicar-se à carreira de advogado. Segundo ele, na época, quem almejava cargos administrativos, os mais altos, precisava ter concluído o ginásio e o colegial – atuais ensino fundamental e médio, respectivamente. Por isso, fez supletivo nessas categorias e em seguida cursou advocacia.

PRODUÇÃO DA FACULDADE



EDUCAÇÃO E TALMUD: UMA RELEITURA DA ÉTICA DOS PAIS – 2ª. edição

ANA SZPICZKOWSKI

Este livro procura orientar o leitor em geral e os interessados em educação em particular, no estudo e na recuperação do Tratado de Pirkei Avot - Ética dos Pais, que integra o Talmud, à luz das modernas teorias da educação, permite o resgate de noções fundamentais relacionadas, principalmente, a atitudes e comportamentos do mestre e do aprendiz. Tais atitudes implicam uma relação horizontal e dialógica entre ambos e o constante intercâmbio de seus repertórios, condições imprecindíveis para a aquisição do conhecimento.

Editora Humanitas:
editorahumanitas.com.br

VIAGEM DE UM ALEMÃO À ITÁLIA

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E NOTAS DE OLIVER TOLLE

Em 1786, Moritz parte para uma viagem de dois anos pela Itália, onde conhece Herder e Goethe, estabelecendo uma estreita amizade com o último. Diante das obras mais importantes da cultura ocidental, ele tenta ali confirmar os princípios de sua teoria da arte. Essa terceira e última parte da “Viagem de um alemão pela Itália” que ora apresentamos ao leitor brasileiro abrange o período em que Moritz se fixa temporariamente em Roma e pode se dedicar a um exame mais detalhado de monumentos, construções e obras de arte famosos da Roma antiga e nova, além de oferecer uma descrição acurada da vida cidadina.



Editora Humanitas:
editorahumanitas.com.br

A FRESTA: EX-MORADORES DE RUA COMO CAMPONESES NUM ASSENTAMENTO PELO MST

MARCELO GOMES JUSTO

A Fresta é a versão em livro da tese de doutorado em geografia humana “*Exculhidos*”: *ex-moradores de rua como camponeses num assentamento do MST*. A tese – sucintamente – é a seguinte: a luta pela terra organizada pelo MST pode ser uma alternativa aos moradores de rua se conectá-los a redes mais resistentes do que aquelas que se encontram nas ruas. A alternativa só pode ser entendida como oposição ao modo de produção capitalista, pois no capitalismo atual é quase impossível pensar na inserção do morador de rua no mercado assalariado. A noção de redes fundamentou a análise dos conflitos internos no assentamento estudado, complementando a discussão sobre território camponês.



Editora Humanitas:
editorahumanitas.com.br

**PAÑCATANTRA: FÁBULAS INDIANAS – Livros II e III**

MARIA DA GRAÇA TESHEINER, MARIANNE ERPS FLEMING E MARIA VALÉRIA ADERSON DE MELLO VARGAS

A importância dos ensinamentos da tradição indiana se revela quando são utilizados nas situações práticas da vida diária. Esse segundo volume da série *Pañcatantra* mostra que entre espécies diferentes pode existir amizade e cooperação, com vantagem para todos (Livro II – *A Aquisição de Amigos*), ou inimizade e confronto, em que a vitória é o resultado de cuidadoso planejamento (Livro III – *A História dos Corvos e das Corujas*). Seguindo os cânones de narrativa indiana, o fluxo do texto é entrecortado por encaixes de histórias e interpolações de sentenças gnômicas.

Editora Humanitas:
editorahumanitas.com.br

ESCRITOS SOBRE ARTE JOHANN WOLFGANG GOETHE – 2ª. Edição

INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO E NOTAS DE MARCO AURÉLIO WERLE

Livro, em co-edição com a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, compõe-se de uma seleção dos escritos de Goethe que formam a base da sua visão classicista sobre a arte, elaborada logo após sua viagem à Itália e o contato com Moritz. Goethe defende nestes escritos o princípio da imitação da natureza, da fidelidade aos modelos antigos da arte e da autonomia da arte. Partindo, p. ex., de análises de obras de arte antigas (o grupo escultórico do Laocoonte) e modernas (quadros de Claude Lorrain), bem como discutindo com o ensaio sobre a pintura de Diderot, Goethe estabelece um programa de uma estética objetiva, segundo a qual o artista deve sobretudo dominar e elaborar cuidadosamente o tema ou assunto que pretende configurar como obra de arte.



Editora Humanitas:
editorahumanitas.com.br

SALA DE IMPRENSA DA FFLCH NA WEB

O Serviço de Comunicação Social da FFLCH, a fim de disseminar da melhor forma os conteúdos gerados, está, aos poucos, reformulando e atualizando a Sala de Imprensa da Faculdade.

Nela, agora é possível encontrar notícias de acontecimentos no âmbito da Faculdade como entrevistas, matérias, eventos e, principalmente, defesas de teses – anteriormente divulgadas no INFORME, a publicação mensal do Serviço.

A Sala de Imprensa pode ser acessada pelo endereço: www.fflch.usp.br/sdi/impressa.

Mais informações: Serviço de Comunicação Social – (11) 3091.4612/4938 ou comunicacao@fflch.usp.br.

INFORME

Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - nº 46 - setembro de 2008



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Serviço de Comunicação Social – SCS

Prédio da Administração – Rua do Lago, 717
Cidade Universitária – SP – CEP 05508-900
Fone: (11) 3091-4612, 3091-4938 e 3091-1513
Fax: (11) 3091-4612

